

Revista de Catequese

Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

São Paulo, *Campus Pio XI*: Curso de Teologia

Disponível em: <https://revista.unisal.br/catequese/index.php/rcu/issue/view>

V. 1, n. 1, jan./jun., 2023, p. 144-164.

ACOMPANHAR OS JOVENS PARA VIVER UMA LITURGIA VIVA SEGUNDO *CHRISTUS VIVIT*

ACCOMPANYING YOUTH TO LIVE A LIVING LITURGY ACCORDING TO CHRISTUS VIVIT

*Elena Massimi**

RESUMO: A contribuição deste artigo, a partir do descontentamento dos jovens com as celebrações litúrgicas, procura oferecer alguns caminhos de reflexão e indicações concretas sobre a formação litúrgica das novas gerações. Hoje, precisamente à luz do que aconteceu durante a pandemia do Covid-19, é necessário investir recursos na formação litúrgica, redescobrimo, por um lado, a natureza ritual simbólica da liturgia e, por outro, experimentando modelos formativos que iniciem ao mistério celebrado, mesmo com o próprio celebrar, limitando assim o modelo da explicação. Um papel importante para a formação litúrgica dos jovens é o da comunidade, dentro e fora da ação litúrgica.

Palavras-chave: Liturgia; pastoral; formação; jovens; comunidade.

ABSTRACT: *Considering young people's dissatisfaction with liturgical celebrations, the contribution seeks to offer some paths for reflection and concrete indications regarding the liturgical formation of the new generations. Nowadays, precisely in the light of what happened during the Covid-19 pandemic, it is necessary to invest resources in liturgical formation, rediscovering the symbolic ritual nature of the liturgy, and experimenting with formative models that initiate the celebrated mystery, even with the celebration itself, thus limiting the model of explanation. An important role in the liturgical formation of young people is that of the community, both within and outside the liturgical action.*

Keywords: *Liturgy; pastoral care; formation; young people; community.*

INTRODUÇÃO

O autor A. Matteo faz notar em seu último texto, intitulado *Riportare i giovani a messa* ('Trazer os jovens de volta à missa'), quanta atenção tem sido dada nos últimos anos ao estudo

* Professora convidada pela Universidade Pontifícia Salesiana (UPS). Mestrado e Doutorado em Sagrada Liturgia pela Pontifícia Universidade de Santo Anselmo – Roma.

e discernimento pastoral em mérito ao mundo juvenil e sua relação com a fé¹, uma atenção que teve seu ápice na XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (3-28 de outubro de 2018) *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, cujo fruto é precisamente a exortação apostólica *Christus vivit*.

Apesar disso, ainda hoje, 4 anos depois da *Christus vivit*, é necessário continuar a refletir sobre a relação jovens - fé cristã, dado o crescente desinteresse deles pela Igreja Católica, desinteresse amplificado pela pandemia da Covid-19.

Se por um lado o *Instrumentum laboris* do Sínodo sobre os jovens abriu com estas palavras: "Cuidar dos jovens não é uma tarefa opcional da Igreja, mas parte substancial da sua vocação e da sua missão na história"², por outro por outro lado, devemos admitir que:

Desde a celebração do Sínodo sobre os jovens nada de novo aconteceu na ação pastoral voltada para o universo juvenil e o mesmo tema "juventude e fé" dificilmente aparece no centro da atenção pastoral em geral. Claro, alguns podem dizer que quando chegou a pandemia da Covid-19 esta impôs um certo abrandamento na vida e na ação da comunidade eclesial. Mas nem mesmo agora, pelo menos desde os primeiros meses de 2021, se tenta voltar lentamente à vida normal, mesmo na companhia do coronavírus, parece que as coisas estão caminhando para uma renovada temporada de anúncio do Evangelho às novas gerações³.

É interessante recordar, neste contexto, os dados oferecidos pelo questionário, compilado *online* de forma voluntária e elaborado pelo Secretariado do Sínodo da Juventude em colaboração com o Observatório Juvenil do Instituto Toniolo⁴. Pelas respostas, a prática religiosa, a assiduidade dos jovens à liturgia foi ainda significativa, um em cada dois jovens afirmava participar dos ritos religiosos pelo menos semanalmente (56%)⁵, justificando assim a

¹ MATTEO, A. Riportare i giovani a messa. La trasmissione della fede in una società senza adulti. *Ancora*, Roma 2022, p. 7.

² XV ASSEMBLEA GENERALE ORDINARIA DE SINODO DEI VESCOVI (3-28 ottobre 2018). I giovani, la fede e il discernimento vocazionale. *Instrumentum laboris*, n. 1. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2018/06/19/0458/00978.html>. Acesso em: 24 ja. 2023.

³ MATTEO, A. *Riportare i giovani a messa*, p. 8.

⁴ Em todos os continentes, mais de 80% dos jovens se reconhecem católicos (de 81,1% na Europa a 87,1% na América Central e do Sul). Poucos que se definem como ateus (de 3,1% na América Central e do Sul a 6,3% na Europa). Os crentes fervorosos são 63,7% (com ponto máximo na Ásia, 78,2%, e mínimo na Europa, 56,1%). BONANOMI, A; INTROINI, F; PASQUALINI, C. Una finestra sul mondo. I risultati dell'indagine sui giovani in preparazione dello youth synod. In: ISTITUTO TONIOLO (a cura di). *La condizione giovanile in Italia. Rapporto giovani 2019*. Bologna: Il Mulino, 2019.

⁵ Os jovens que declaram participar aos ritos religiosos pelo menos uma vez por semana são 56%; 13,5% fazem uma vez por mês; 11,7% em algum momento do ano; percentual semelhante apenas em ocasiões especiais 11,9% e 6,9% nunca participa. O dado mais interessante, no que diz respeito à prática, é que ela se manteve constante ao longo do tempo: os níveis de frequência aos ritos na idade pré-adolescente (12 anos) são muito semelhantes aos atuais. BONANOMI, A; INTROINI, F; PASQUALINI, C. *Una finestra sul mondo*.

bondade de um investimento na formação litúrgica, por outro lado, no *Instrumentum laboris* podia-se ler que "muitas respostas ao questionário indicavam que os jovens são sensíveis à qualidade da liturgia. De forma provocativa, o Encontro Pré-sinodal afirmava que 'os cristãos professam um Deus vivo, mas apesar disso, encontram celebrações e comunidades que parecem mortas' (RP 7)"⁶.

Talvez, com algumas raras e felizes exceções, devemos admitir que de ano em ano, de modo particular com a pandemia, a presença dos jovens nas celebrações litúrgicas é menor. A atualização das linguagens litúrgicas, numa direção excessivamente próxima da sensibilidade juvenil, não produziu os resultados desejados. Nem mesmo ter confiado aos jovens tarefas particulares na ação litúrgica (como a animação litúrgico-musical) assegurou a participação e a integração deles na comunidade eclesial. Além disso, na transmissão da fé, deve-se levar em consideração como os ritos, as ações rituais simbólicas, contribuíram para a construção da identidade coletiva. É a liturgia que permite ao homem viver o mistério da salvação, de fazer a experiência em toda a sua pessoa, de descobrir-se salvo. Na celebração litúrgica é estruturada a identidade cristã: a fé se realiza na liturgia, pois na celebração o fiel participa daquele evento de salvação que oferece o sentido de toda a existência. O teólogo Rahner escreveu como "neste culto divino [...] se manifesta eficazmente qual é o sentido da liberdade e da graça, portanto o sentido da existência humana, mantendo vivo o sentido da peregrinação terrena, em modo perceptível no espaço e no tempo"⁷, num agir humano-divino.

O Papa Francisco, na *Evangelii gaudium*, sublinhou como:

Nas últimas décadas, se produziu uma ruptura na transmissão geracional da fé cristã no povo católico. É inegável que muitos se sentem desiludidos e deixam de se identificar com a tradição católica, que cresceu o número de pais que não batizam os seus filhos nem os ensinam a rezar, e que há um certo êxodo para outras comunidades de fé (EG 70).

É necessário, portanto, uma particular e séria atenção à ritualidade cristã, às suas potencialidades, à formação litúrgica da comunidade eclesial e dos jovens em modo particular. A *Christus vivit* relata os pedidos dos jovens ao episcopado mundial: "Em vários contextos, os jovens católicos pedem propostas de oração e momentos sacramentais capazes de interceptar a vida cotidiana deles, numa liturgia fresca, autêntica e alegre"⁸. Pergunta-se então que caminhos

⁶ *Instrumentum laboris*, n. 187.

⁷ RHANER, K. La domenica, giorno del Signore. In: *Id. Nuovi Saggi*. Roma: Paoline, 1968, p. 261.

⁸ *Christus Vivit*, n. 224. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Acesso em: 24 ja. 2023.

percorrer para que a liturgia volte a representar "um momento privilegiado de experiência de Deus e da comunidade eclesial"⁹, "é a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão-de beber o espírito genuinamente cristão" (SC 14).

1. AINDA É POSSÍVEL TRAZER OS JOVENS DE VOLTA À MISSA?

De forma desencantada o professor Matteo, no texto citado, afirma que a correia de transmissão da fé se rompeu, "e se é progressivamente desgastada e, portanto, definitivamente rompida precisamente pelo advento de uma sociedade de adultos que não agem como adultos e que não testemunham quando alguma forma de devoção diferente daquela tributada ao mito da juventude"¹⁰.

Soma-se a tudo isso o contexto em que estão inseridos os jovens, acostumados a viver 'em alta velocidade'. Como os nativos digitais podem encontrar na liturgia o imediatismo, o sentido do invisível a que estão acostumados?¹¹.

Se por um lado os jovens percebem como estranha a linguagem litúrgica, devemos admitir que o mundo deles é constelado de uma multiplicidade de ritos. Corpo, música, emoção, partilha são realidades que pertencem tanto ao horizonte religioso quanto ao juvenil, mas existem diferentes 'lugares' nos quais é inscrita a ritualidade: do âmbito religioso passa-se ao secular. Os ritos cristãos e os ritos profanos são compostos pelas mesmas linguagens (música, pintura, arquitetura...), diferente, porém, é o modo como os jovens os abordam: eles se contentam com rituais de 'baixo custo' para satisfazer principalmente suas necessidades emocionais¹².

⁹ *Ibid*, n. 224. Para outro aprofundamento sobre o tema 'liturgia e jovens'. Cf. MASSIMI, E. (Ed.). *Liturgia e giovani*. Roma: CLV Edizioni Liturgiche, 2019; e il Dossier *Giovani e liturgia dal Concilio al Sinodo*, in *Note di pastorale giovanile* 2 (2019) 2-51.

¹⁰ MATTEO, A. *Riportare i giovani a messa*, p. 57.

¹¹ "A exigência de abrandar para se permitir um espaço de silêncio é um tema central numa existência dedicada a pressa, ao fazer e à distração. Que a liturgia represente um desses espaços, o mais importante, é portanto perfeitamente coerente com uma significativa necessidade social. Então, por que não aceitar a proposta? Por que, sobretudo os jovens, sofrem e se preocupam? Aqui encontramos um primeiro espaço de reflexão para a intervenção pastoral: como se torna aceitável, senão mesmo interessante, a lentidão que predispõe ao silêncio e à meditação". GARELLI, F. In fuga dalla liturgia. *Rivista di pastorale litúrgica*, 1, 2018, p. 7.

¹² Destacamos como: "Até a religião é tentada a recorrer ao imediatismo das emoções; a ênfase é colocada na harmonia psicológica interior: "eu acredito enquanto me for útil", "eu assisto quando quero", "eu professo o que me convence". A felicidade torna-se uma obrigação: "Com a fartura que você tem, como pode ser feliz?". O descontentamento seria um revés. Em todo o caso, é preciso responder: "estou bem", "estou satisfeito", conforme registram as diversas pesquisas sociológicas. Você tem que mostrar euforia. A competição impiedosa propõe os novos "ritos" da mercadoria emocional: a religião do corpo, o culto da personalidade, o desejo de sucesso. Festas, jogos, passatempos, convites ao prazer invadem os espaços do cotidiano. Tempo festivo e dias de semana se confundem. Com o consumo emocional, os indivíduos tornam-se autocentrados". CRAVERO, D. *Emozione del*

No entanto, há experiências que parecem ver a participação juvenil e que nos oferecem sugestões de reflexão para compreender o desinteresse dos jovens à liturgia: refiro-me à ‘liturgia’ realizada em Taizé, nas Jornadas Mundiais da Juventude e nas celebrações com o rito pré-conciliar.

a) A experiência ‘litúrgica’ em Taizé

Um dos lugares que se percebe uma participação decisiva dos jovens na liturgia é em Taizé. Em Taizé a oração não tem medo de ‘assumir’ a humanidade, o corpo é o lugar da relação com Deus e com os irmãos.

Cores, luzes, gestos, genuflexões – recorda o fundador de Taizé – todos estes elementos têm uma função e um significado muito simples. Trata-se de participar da oração em nossa totalidade corporal, assim, os olhos participam da mesma forma que a cabeça, a boca e os ouvidos. Esta é uma verdade simples, que não implica uma teoria subjacente à técnica da oração¹³.

A oração marca o ritmo dos tempos da vida, da jornada, restitui os ritmos naturais do viver cristão, e é a prioridade, objeto de grande cuidado por parte da comunidade. Sabemos que não é possível oferecer aos hóspedes nada maior do que o encontro com o Senhor. Por este motivo a oração assim participada é capaz de unir, “em perfeito equilíbrio, beleza e essencialidade ao serviço da Palavra de Deus, para que ninguém fique mero espectador passivo das celebrações, mas convidado a ir além de si mesmo”¹⁴.

Uma tal forma de oração não cede à tentação do espetáculo, nem do uso de linguagens, fórmulas, estilos juvenis, não tem medo de ser ritual, ou seja, de viver a repetição como ocasião de aprofundamento (isto é evidente pelos refrões para os cantos propostos); propor espaços amplos e fortes de silêncio preparado; de ritmar a jornada; de ser simples sem ceder à banalização. A oração em Taizé emociona, envolve os sentimentos de quem participa e,

culto e culto dell’emozione. Il caso giovanile. In: GIRARDI, L.; TOMATIS, P. (a cura di). *Liturgia e Emozione*. Roma: CLV- Edizioni Liturgiche, 2014, p. 337-238.

¹³ ROGER, FR. A la joie je t’invite. Fragments inédits 1940-1963. In: MONGE, TAIZÉ. *La speranza condivisa*, p. 61. Escreve Fr. Roger: “Quanto a mim – confessava, entre outras coisas – não saberia rezar sem o corpo. Não sou um anjo e não me importo. Em certos momentos tenho consciência de que rezo mais com o corpo do que com a mente. Uma oração em contacto com a terra: ajoelhar-se, prostrar-se, olhar para o local onde se celebra a Eucaristia, aproveitar o silêncio tranquilizador como os ruídos que vêm da aldeia. O corpo está aí, alerta, para ouvir, entender, amar. Ridículo querer fazer sem ele”. ROGER, FR. Ta fête soit sans fin. In: MONGE, TAIZÉ. *La speranza condivisa*, p. 61.

¹⁴ MONGE, C. Una liturgia giovane: il caso Taizé. *Rivista di pastorale liturgica*, 1, 2018, p. 21-25.

paradoxalmente, não requer longos caminhos de iniciação litúrgica¹⁵. Tudo isto acontece também porque existe uma comunidade estável que vive tudo isto, que guarda e constrói tal clima, uma atmosfera, um ambiente de oração e partilha¹⁶.

b) Celebrações litúrgicas na Jornada Mundial da Juventude

Em 2023, a XXXVIII Jornada Mundial da Juventude será celebrada em Lisboa. O tema escolhido pelo Papa Francisco é "Maria levantou-se e retirou-se depressa" (Lc 1,39), com o desejo de exortar os jovens a serem corajosos missionários, como havia escrito em *Chv 177*. As dioceses já iniciaram há muito tempo um caminho de preparação. No entanto, pergunta-se se nas Jornadas Mundiais da Juventude as celebrações litúrgicas são realmente tão significativas? Nascerem e levam à participação eucarística dominical das paróquias a que eles pertencem? A JMJ é marcada por uma rica série de celebrações litúrgicas, das quais a Eucaristia final representa o ápice¹⁷, mas o quanto são significativas tais celebrações para os jovens?

Na verdade, a própria JMJ é uma "grande liturgia": é o ato da partida, é a chegada com todos os seus ritos, a surpresa de entrar em uma família, a fila para o almoço...

Mas que relação tem com a vida cotidiana do jovem crente? Os estudos realizados sobre a JMJ mostram que as celebrações eucarísticas resultam ser os momentos menos significativos para muitos jovens; o grande rito da JMJ é vivido de forma muito forte, emotivo, enquanto as ações litúrgicas parecem ser vividas com distanciamento e indiferença, ao invés de participar, os jovens assistem¹⁸. Esses tipos de manifestações representam realmente ocasiões proveitosas para a formação dos jovens, ou são apenas celebrações ocasionais, separadas do resto da experiência cristã?

c) As liturgias "tradicionalistas"

Na carta sobre a formação litúrgica *Desiderio Desideravi* (DD), o Papa Francisco escreve, referindo-se aqueles que amam celebrar com a liturgia pré-conciliar:

Se a Liturgia é o "cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde promana toda a sua energia" (*Sacrosanctum Concilium*, n. 10), compreendemos bem o que é que está em jogo na questão litúrgica. Seria banal

¹⁵ GALLO, M. Non basterà "celebrare con arte". *Note di pastorale giovanile*, 2, 2019, p. 43-46.

¹⁶ São interessantes as indicações ofertas da comunidade para estruturar um momento de oração: cf.: https://www.taize.fr/it_article878.html.

¹⁷ SEGhedoni, I. Una liturgia con i giovani: il caso GMG. *Rivista di pastorale liturgica*, 1, 2018, p. 26-30; GALLO, M. Non basterà "celebrare con arte", p. 46-49.

¹⁸ SEGhedoni. *Una liturgia con i giovani: il caso GMG*, p. 29-30.

ler as tensões acerca da celebração, infelizmente presentes, como se de uma simples divergência se tratasse entre sensibilidades diversas em relação a uma forma ritual. A problemática é antes de tudo eclesiológica. Não vejo como se possa dizer que se reconhece a validade do Concílio – se bem que me surpreenda que um católico possa ter a pretensão de o não fazer – e não aceitar a reforma litúrgica nascida da *Sacrosanctum Concilium*, que exprime a realidade da Liturgia em íntima conexão com a visão de Igreja admiravelmente descrita pela *Lumen gentium*. Por isso – como expliquei na carta enviada a todos os Bispos – senti o dever de afirmar que “os livros litúrgicos promulgados pelos santos pontífices Paulo VI e João Paulo II, em conformidade com os decretos do Concílio Vaticano II, são a única expressão da *lex orandi* do Rito Romano” (Motu Proprio *Traditionis custodes*, art. 1)¹⁹.

É evidente como tais celebrações poderiam favorecer uma ideia de Igreja clerical, verticalizada, uma ideia de participação que é principalmente interior e individualista, uma fixidez do gênio artístico do homem (a arte contemporânea não está presente...), o primado da doutrina sobre a experiência, da mente sobre o corpo. Este ritual traz consigo um mundo que já não nos pertence... lógicas sacramentais que talvez ‘não possamos mais tolerar’ depois do Concílio.

Deveríamos-nos perguntar por que alguns jovens são atraídos por tais celebrações, o que eles encontram nelas que não está presente nas liturgias pós-conciliares²⁰. O silêncio, o sentido do sagrado... ou talvez a liturgia atual tenha sofrido um processo de excessiva ‘cotidianização’, perdendo assim toda diferença simbólica?

Se por um lado é necessário reiterar como a liturgia nascida do Concílio Vaticano II seja a única expressão da *lex orandi* da Igreja; por outro lado, somos chamados a fazer um sério exame de consciência, para verificar como foi implementada.

Talvez, em vez de uma competente adaptação da liturgia aos jovens, sem distorcer o rito, tenhamos adotado um estilo juvenil, introduzindo na liturgia elementos que não habitam o livro litúrgico (cartolina, sinais de vários tipos...), gerindo as linguagens litúrgicas de forma excessivamente cotidiana, perdendo assim a necessária diferença simbólica?

O celebrar cristão perde a sua identidade quando não é fiel a si mesmo, em favor de uma criatividade desenfreada, quando se acrescentam ritos inoportunos, inventados, na ilusão de favorecer a participação dos fiéis, a comunhão... ao contrário, sem nos darmos conta, corremos

¹⁹ *DD*, n. 31.

²⁰ BALUGANI, L. I preti del futuro: tra tradizione e postmodernità. *Rivista di pastorale liturgica*, 2, 2018, p. 10-15; DALL'OSTO, A. Preti in Francia: crescono solo i “tradizionalisti”. *Settimana news*, luglio, 2018). Disponível em: <http://www.settimananews.it/ministeri-carismi/preti-in-francia-crescono-solo-i-tradizionalisti/> (visitato il 31 dicembre 2019). Acesso em: 12 jan. 2023.

o risco de deixar na memória dos fiéis experiências equivocadas, mensagens erradas, relações não corretas.

É interessante como o próprio Papa Francisco, no citado *Desiderio Desideravi*, se refere à importância do silêncio na celebração, enfatizando como o silêncio ocupa um lugar de primeira importância entre os gestos próprios da assembleia. “O silêncio litúrgico [...] é o símbolo da presença e da ação do Espírito Santo que anima toda a ação celebrativa; por esse motivo muitas vezes constitui o ápice da sequência ritual” (DD 52).

2. PARA UMA FECUNDA FORMAÇÃO LITÚRGICA

Como mencionado, o Papa Francisco inesperadamente oferece à Igreja uma carta completa sobre a formação litúrgica do povo de Deus: *Desiderio Desideravi*. Consciente de como a liturgia é uma das dimensões fundamentais da vida da Igreja, recordando o Concílio e o movimento litúrgico que o precedeu, escreve:

Os princípios gerais enunciados pela *Sacrosanctum Concilium*, tal como foram fundamentais para a intervenção da reforma, assim o continuam a ser para a promoção daquela participação plena, consciente, ativa e frutuosa na celebração, “primeira e indispensável fonte na qual os fiéis podem haurir o genuíno espírito cristão” (*Sacrosanctum Concilium*, n. 14; veja-se também o n. 11). Com esta carta gostaria simplesmente de convidar toda a Igreja a redescobrir, guardar e viver a verdade e a força da celebração cristã. Gostaria que a beleza do celebrar cristão e das suas necessárias consequências na vida da Igreja não fosse deturpada por uma compreensão superficial e redutora do seu valor ou, pior ainda, por uma instrumentalização dela ao serviço de uma qualquer visão ideológica, seja ela qual for. A oração sacerdotal de Jesus na última Ceia para que todos sejam um só (*Jo 17, 21*), julga qualquer divisão nossa em torno do Pão partido, ‘sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade’ (DD 16).

Por isso destaca a necessidade de uma *séria e vital formação litúrgica*. Tendo como horizonte o pensamento de R. Gardini, o pontífice se pergunta como o homem contemporâneo pode recuperar a capacidade simbólica, a capacidade de vivenciar plenamente a ação litúrgica. “O desafio é muito exigente porque o homem moderno – não do mesmo modo em todas as culturas – perdeu a capacidade de se confrontar com o agir simbólico, que é uma característica essencial do ato litúrgico” (DD 27).

A primeira tarefa do trabalho de formação litúrgica é, de fato, a seguinte: "o homem deve tornar-se novamente capaz de símbolos"²¹. Mas como podemos tornar nossos jovens

²¹ GUARDINI, R. *Formazione Liturgica*. Brescia: Morcelliana, 2022, p. 60.

capazes da linguagem simbólica? Talvez seja melhor dizer, como pode o homem contemporâneo tornar-se novamente capaz do rito, como as ações rituais simbólicas podem novamente tornar-se significativas?

Ainda não há práticas consolidadas, mas certamente alguns elementos essenciais podem ser identificados. Antes de tudo, é necessário redescobrir algumas ‘verdades esquecidas’ da liturgia e algumas ‘tarefas’ da assembleia eclesial, à luz das quais, pode-se individuar possíveis caminhos de pastoral litúrgica²².

2.1 AS VERDADES ESQUECIDAS DA LITURGIA²³

Provavelmente ainda não foi possível realizar percursos de formação litúrgica ‘eficazes’, porque existem, na mentalidade da maioria, vários mal-entendidos sobre a natureza da liturgia, muitas vezes ainda entendida como um ‘discurso sobre Deus’, como algo a ser compreendido, e não uma experiência a ser vivida.

Procuremos individuar algumas características próprias da liturgia que podemos ter esquecido e que são decisivas para uma fecunda pastoral litúrgica.

A revelação é corpórea

Antes de tudo é preciso redescobrir a conotação experiencial da revelação: não há revelação de Deus se o homem não tiver alguma percepção, isto é, experiência. *A revelação de Deus é a experiência do revelar-se de Deus*. A fé cristã é a experiência de Deus que se revelou em Cristo, e Deus no seu revelar-se se faz sensível, assume um corpo. A um Deus que se faz corpo pode-se corresponder apenas com o próprio corpo; o corpo - portanto a sensibilidade - constitui o lugar originário da revelação de Deus em Jesus Cristo.

A liturgia baseia-se no mistério da encarnação: é o corpo ritual que permite a Deus encarnado e a carne do homem de encontrar-se. É na ação litúrgica, que hoje podemos experimentar o Senhor da vida; é na liturgia que a realidade divina se torna visível e tangível em nosso corpo²⁴.

Assim acessamos o mistério com nosso próprio corpo, com nossa sensibilidade, com nossas emoções. A pastoral litúrgica deve absolutamente levar tudo isso em consideração. A

²² Para mais informações, consulte esta contribuição: cf. MASSIMI, E. Le condizioni per “vere liturgie”. Riscoprire il fondamento della partecipazione attiva. *Note di pastorale giovanile*, 2, 2019, p. 24-38.

²³ Retomei, expandindo e integrando-os, algumas passagens elaboradas em uma contribuição anterior minha: MASSIMI, E. Il desiderio di una liturgia viva: giovani e liturgia. In: CAL (Ed.). *Liturgia: chiamata per tutti alla santità battesimale*. Roma: CLV - Edizioni Liturgiche, 2020.

²⁴ BONACCORSO, G. *Il corpo di Dio*. Assisi: Cittadella, 2006.

formação litúrgica não pode ser intelectualista ou racionalista, desequilibrada na explicação, mas valorizar processos iniciáticos ao mistério através do próprio rito.

A liturgia é relação

A liturgia é uma ação comunitária, não celebramos sozinhos, estamos em relação com outras pessoas ‘de carne e osso’. Numa sociedade tão individualista, os ritos cristãos podem representar um ‘recurso educativo’: educam para dar espaço ao outro, para ir ao encontro dele (por exemplo, o gesto de paz), para rezar ao mesmo ritmo de quem está do lado, para agir em conjunto com toda a assembleia, para fazer nosso o sofrimento dos necessitados... tudo isto, naturalmente só em certas condições, poderia ser um recurso para deixar os jovens desfrutar da beleza da relação com o próximo, saindo do individualismo em que ‘estão imersos’.

Para que isso aconteça, é necessário um cuidado efetivo das relações na comunidade eclesial, uma comunidade que deve ser capaz de acolher e acompanhar os jovens, uma comunidade que vive a caridade fraterna.

A liturgia é gratuidade e festa

Não podemos imaginar como numa sociedade em que a eficiência está entre os valores mais altos, não haja o risco de aproximar a liturgia a uma mentalidade de eficiência: eu participo (se é que podemos falar de participação) para obter algo. Não estamos isentos da tentação de ‘consumir’ a liturgia, de instrumentalizá-la, de fazer dela um lugar para satisfazer as nossas necessidades; isso deve ser levado em consideração também em relação à formação litúrgica dos jovens.

As lógicas produtivas, ligadas à eficiência e à troca comercial não sustentam a lógica da gratuidade e do dom, que está na base do celebrar cristão. A liturgia não produz nada em termos econômicos. R. Guardini expressava tudo isso comparando a liturgia a um jogo de criança: no jogo, a criança não tem finalidade, mas visa,

Explicar as suas forças juvenis, expandir a sua vida na forma desinteressada dos movimentos, das palavras, das ações, e com isso crescer, tornar-se cada vez mais perfeitamente a si mesma. Sem propósito, mas cheia de *significado profundo* é esta jovem vida; e o significado não é outro senão este: que se manifeste sem impedimentos, nos pensamentos, nas palavras, nos movimentos, nas ações, torna-se senhor de seu ser, simples - nada existe²⁵.

²⁵ GUARDINI, R. *Lo spirito della liturgia*. Brescia: Morcelliana, 2005, p. 77.

Também a liturgia, como o jogo, não tem primariamente uma ‘finalidade’, não é um meio utilizado para *alcançar um determinado efeito*, mas - pelo menos até certo ponto - é um fim em si mesmo²⁶.

O próprio Guardini destaca como a liturgia não tem sua razão de ser no homem, mas em Deus; por isso, nada produz em termos econômicos, mas revela o sentido da existência, o nosso ser alcançado por Deus, pelo dom da salvação. “Os ritos, [e, portanto, a liturgia], escreve Chul Han, são ações simbólicas. Eles transmitem e representam os valores e ornamentos que sustentam uma comunidade. Eles criam uma comunidade sem comunicação, enquanto hoje domina uma comunicação sem comunidade”²⁷.

Precisamos da liturgia para sair dessas lógicas produtivas e consumistas, dessa perigosa alternância entre o tempo de trabalho e o tempo livre (agora vazio).

Tal situação conduz gradativamente ao ‘esquecimento’ da festa, ou melhor, contribui para a incapacidade do homem contemporâneo de festejar (o contrário também é verdadeiro, ou seja, a incapacidade de festejar abriu caminho cada vez mais para um mundo “regulado” pela prestação). E é importante destacar como na festa o homem encontra a sua origem, celebra aquele evento que o insere numa comunidade, que lhe dá uma história, uma identidade, um tempo.

Sem a festa, lugar onde vivemos o tempo da salvação, sem uma correta articulação entre o tempo de trabalho e o de descanso, o cristão perderia a sua identidade.

A festa cristã atesta a relação fundamental que nos une a Deus e aos outros. Os motivos da festa (religiosos ou não) são vivenciados como realidades que dão sentido a nossa existência: eventos importantes para um povo, para uma família, são eventos cósmicos. Os cristãos vivem o sentido da existência no evento Cristo, na sua morte e ressurreição.

O sujeito da festa, porém, não é o indivíduo, mas a comunidade; pois a festa cria a comunidade, traz a alegria do encontro, da partilha.

A liturgia é emoção

Afirma o teólogo G. Bonaccorso:

A celebração litúrgica é este ser alcançado por Deus em gestos que não perderam a capacidade de nos emocionar, de nos comover sob o impulso do

²⁶ *Ibid.*, p. 75.

²⁷ BYUNG-CHUL HAN. *La scomparsa dei riti. Una topologia del presente (nottetempo)*. Milano: Nottetempo, 2021. (Ebook).

dom da graça. Mais uma vez, é preciso recordar que na relação com Deus está em jogo toda a nossa corporeidade. É essa corporeidade, feita de delicadas relações entre gesto e emoção, que anuncia nossa existência como um êxodo do vazio da solidão, da angústia e da morte²⁸.

Muitas vezes acontece nas celebrações dos/com os jovens, sobretudo na escolha das canções, que as nossas próprias celebrações se orientam pelo critério da emoção. No entanto, é importante ressaltar como o rito não representa o local onde expressamos as nossas emoções; o rito, ao contrário, age sobre nossas emoções. A liturgia na repetição do *ordo*, de um programa pré-estabelecido, protege contra as variações de humor de cada fiel; pelo contrário, educa a emotividade deles, tornando-os disponíveis para aquilo que os precede e que lhes é atestado “numa posição que se define pela iniciativa de Deus e pela nossa correspondência a ela”.²⁹

A liturgia é "arte"

O Papa Francisco, como já destacou o Papa Bento XVI em *Sacramentum Caritatis* n. 40, recorda a importância da arte de celebrar. Ele escreve:

Um modo para conservar e para crescer na compreensão vital dos símbolos da Liturgia é certamente o cuidado da arte de celebrar. Também esta expressão é objeto de diversas interpretações. Ela esclarece-se se for compreendida, tendo como referência o sentido teológico da Liturgia, descrito no número 7 da *Sacrosanctum Concilium*, a que já nos referimos diversas vezes. A *ars celebrandi* não se pode reduzir à mera observância de um aparato de rubricas, e ainda menos pode ser pensada como uma fantasiosa – por vezes selvagem – criatividade sem regras. O rito é por si mesmo uma norma e a norma nunca é fim para si mesma, mas está sempre ao serviço da realidade mais alta que quer salvar. (DD 48)

Propriamente a arte de celebrar conserva a liturgia, o mistério que nela se celebra. A liturgia está entrelaçada com as linguagens da arte, gerida de uma forma que não é a da nossa vida cotidiana. Deus, ao se fazer presente, utiliza uma linguagem inevitavelmente humana, ao mesmo tempo diferente, poderíamos dizer transfigurada. Para evitar que a linguagem usada por Deus perca sua transcendência, as linguagens religiosas, verbais e não verbais, são estruturadas de formas específicas, que são aquelas simbólicas, que também podem ser encontradas em outros contextos, especialmente nos artísticos. Precisamente porque a arte é simbólica, as suas dinâmicas estão em consonância com aquelas religiosas, e como na arte, o uso da sensibilidade na liturgia é transfigurado, saímos da percepção ordinária para uma percepção diferente da vida.

²⁸ BONACCORSO, G. *I colori dello spirito*. Assisi: Cittadella Editrice, 2009, p. 156.

²⁹ TOMATIS. *Accende lumen sensibus*, p. 523.

À luz disto é fundamental a gestão das linguagens verbais e não verbais, a sua ‘implementação’. É preciso evitar celebrar de forma aproximada, desleixada, sem harmonia e equilíbrio entre os diversos gestos e as diversas ações litúrgicas, prestando pouca atenção ao cuidado do canto, da música, dos adornos... O celebrar é uma arte, porém, no horizonte da "simplicidade nobre" conciliar³⁰, e não de um ritualismo vazio.

A confirmação disso, de como seja um bom caminho, para tornar as nossas liturgias ‘acessíveis’ aos fiéis, também aos mais jovens, encontra-se no *Instrumentum laboris* do Sínodo sobre os jovens, onde destacou que "várias Conferências Episcopais asseguram que onde a liturgia e a *ars celebrandi* são bem cuidadas, existe sempre uma presença significativa de jovens ativos e participantes"³¹.

É importante destacar que a arte de celebrar não diz respeito apenas ao presbítero, mas a toda a assembleia; já que são muitos os gestos que lhe pertencem: o reunir-se, o caminhar em procissão, o estar sentando, o ficar de pé, o ajoelhar, o cantar, o estar em silêncio, o aclamar, o olhar, o escutar (cf. *DD* 51). Cada gesto deve ser realizado não pelos fiéis individualmente, mas como um só corpo. Esta não é uma uniformidade que mortifica, pelo contrário, educa os fiéis, educa os jovens a redescobrir a beleza de pertencer ao corpo eclesial.

Não se trata de ter de seguir um protocolo litúrgico de boas maneiras: trata-se antes de uma “disciplina” – no sentido usado por Guardini – que, se observada com autenticidade, nos forma: são gestos e palavras que põem ordem dentro do nosso mundo interior fazendo-nos viver sentimentos, atitudes, comportamentos. Não são a enunciação de um ideal em que procuramos inspirar-nos, mas são uma ação que implica o corpo na sua totalidade, ou seja, no seu ser unidade de alma e corpo (*DD* 51).

A liturgia é canto

Não é bom esquecer a importância do canto e da música na liturgia. A música, entre as artes, é a que tem maior carga emocional e, portanto, pode tanto sustentar a participação litúrgica quanto conduzir para fora do rito. A emoção do canto deveria reforçar a intencionalidade do ato de culto; a relação do canto com o contexto do rito deveria ser tal para o qual é o rito que determine as funções do canto, e o canto contribua para a realização da experiência ritual. É bom, portanto, fazer em modo que não seja a lógica do ‘gosto’ ou ‘não

³⁰ SC, n. 34: “Brilhem os ritos pela sua nobre simplicidade, sejam claros na brevidade e evitem repetições inúteis; devem adaptar-se à capacidade de compreensão dos fiéis, e não precisar, em geral, de muitas explicações”.

³¹ *Instrumentum laboris*, n. 188.

gosto' que dite a escolha do que cantar, mas a pertinência ritual, ou seja, a harmonia com os textos e ritos a que uma canção é associada³².

Tratando-se da música, o *Documento Final* do Sínodo sobre os jovens destaca todas as suas potencialidades:

Não podemos esquecer as expressões artísticas, como o teatro, a pintura e outras. A importância da música é completamente peculiar, que representa um ambiente real em que os jovens estão constantemente imersos, bem como uma cultura e uma linguagem capazes de despertar emoções e moldar a identidade. A linguagem musical representa também um recurso pastoral, que interpela em particular a liturgia e a sua renovação. Cantar pode ser um grande estímulo para o caminho dos jovens. Santo Agostinho dizia: 'Canta, mas caminha; facilite seu trabalho com música, não ame a preguiça: cante e caminhe. [...] Você, se avançar, caminhe; mas avancem no bem, na fé reta, nas boas obras: canta e caminha'³³.

Algumas consequências

A redescoberta de tais verdades esquecidas leva quem se empenha na pastoral litúrgica a redescobrir certas práticas.

Em primeiro lugar, para uma correta compreensão da criatividade. O tema da criatividade é uma *vexata quaestio*, provavelmente elaborada para sair do formalismo litúrgico vazio. Mas o que significa criatividade na ação litúrgica? Ao inventar alguns ritos, suprimir outros, modificar a liturgia como quisermos, realmente encorajamos a participação ativa e saímos do ritualismo estéril? Ou será que tudo isso conduz a uma participação imediata, mas efêmera?

A atualização imediata de linguagens em algumas celebrações com os jovens, em busca de um clima mais envolvente, não levou a uma participação real. A criatividade litúrgica significa celebrar a liturgia tal como nos é dada, respeitando a identidade própria do rito, que é 'criado' no momento em que se realiza segundo o que estabelece o *Ordo*³⁴.

³² Para mais informações sobre a questão dos chamados *cantos juvenis na liturgia* conferir o amplo estudo de TRUDU, F. Esperienza musicale e modello rituale. In: MASSIMI, E. (Ed.). *Liturgia e Giovani*. Roma: CLV Edizioni Liturgiche, 2019, p. 127-160. Para alguns percursos de formação litúrgico-musical tomo a liberdade de reenviar a: MASSIMI, E. *Cantare la Messa. Guida pratica per la scelta dei canti*. Roma: CLV-Edizioni Liturgiche, 2019.

³³ *Documento final*, n. 226.

³⁴ Por exemplo, o Benedicional, nas Premissas Gerais, "convida o ministro a usar segundo as oportunidades, as faculdades concedidas nos vários ritos; desde que 'mantenha, no entanto, a estrutura dos próprios ritos e não perturbe de forma alguma a ordem das partes principais' (n. 32). A exortação, portanto, é manter intacta a estrutura estabelecida pelo *Ordo celebrandi* e não distorcer a ordem das partes principais (proclamação da palavra de Deus e oração eclesial), adaptando os outros componentes rituais. A preocupação em salvaguardar uma certa hierarquia na estrutura celebrativa, livre de qualquer preconceito essencialista ou dogmático-jurídico, pretende sublinhar a função específica de cada elemento na economia global do rito. A criatividade, então, não pode ser deixada à solta,

Outra consequência é compreender a necessidade de sair de uma *lógica do mínimo necessário*, do horizonte do *ad validitatem*, e assumir a lógica do ‘máximo gratuito’. Tudo o que costuma ser considerado secundário (por exemplo, a música, as flores, as velas, alguns gestos) é importante, pois tudo contribui para a epifania do mistério³⁵.

Além disso, muitas vezes acontece de participar de celebrações litúrgicas onde quem preside, ou quem exerce um ministério, manifesta a si mesmo em vez de estar a serviço da epifania do mistério.

Na liturgia, todo personalismo deve absolutamente ser evitado, pois sufoca o mistério. A liturgia não nos ‘pertence’, não somos os autores da liturgia, somos talvez seus atores.

É, pois, necessário suspender o protagonismo de quem quer ser ‘primeiro’, para promover o protagonismo de quem quer sentir-se ‘parte’ de uma ordem e realidade maior, de quem quer contribuir para a realização de uma obra comum. É surpreendente notar como isso costuma acontecer nas expressões rituais da piedade popular, onde o sentido de envolvimento ativo, em primeira pessoa, é claramente subordinado (mas também exaltado) a uma ação comum, altamente regulada, a serviço da qual todos estão dispostos. Sem mortificar os desejos de mudança dos jovens, convém canalizar as suas energias para este desejo de dar forma e corpo a uma ação que pertence a toda a Igreja³⁶.

Por último, mas não menos importante, aliás bastante delicada, é a questão da inculturação da liturgia no atual contexto contemporâneo. Um conhecido liturgista italiano escreve:

Não é hora de experimentar um Missal para jovens ou um Diretório? Um instrumento pastoral provisório, que nasce do Missal Romano e o respeita plenamente, para educar toda a comunidade a celebrar com os mais jovens. Nós sonhamos com: a) uma liturgia curta e limpa; b) palavras essenciais; c) indicações de músicas e canções que conduzem ao rito; d) ritos de introdução mais prolongados e emocionalmente envolventes; e) indicações para uma homília adequada que não sequestre toda a atenção; f) um generoso espaço de silêncio litúrgico; g) orações eucarísticas (as do Missal) intercaladas com aclamações da assembleia que reagem ao andamento eucológico (como em Taizé); dos ritos de conclusão com tempos e gestos mais descontraídos que melhor expressam a missão que nasce da Eucaristia?³⁷.

mas sim, brotando organicamente do enredo celebrativo oferecido pelo livro, recorrerá às possibilidades de adaptação visando à aderência dos elementos rituais ao mistério celebrado e àqueles que o celebram”. DELLA PIETRA, L. Riti e creatività. *Rivista di pastorale litúrgica*, 6, 2013, p. 54.

³⁵ GRILLO, A. *Riti che educano*. Assisi: Cittadella, 2011, p. 57-62.

³⁶ GIRARDI, L. Giovani e liturgia: riforma e/o iniziazione. In: MASSIMI, E. (Ed.). *Liturgia e giovani*. Roma: CLV Edizioni Liturgiche, 2019, p. 167.

³⁷ GALLO, M. Un Messale per i giovani? *Rivista di pastorale litúrgica*, 1, 2018, p. 4.

Independentemente de concordar ou não com o que se propõe, na celebração com os jovens é certamente necessário atenção na gestão do tempo, do silêncio, das homilias, da escolha dos cânticos, da tomada da palavra...

O contexto cultural mudou profundamente nos últimos anos; devemos, portanto, nos perguntar como adaptar, ou melhor, inculturar a liturgia hoje? Como torná-la novamente habitável no contexto de hoje?

Quem preside deveria ao menos levar em conta as condições da assembleia, atentando para a corporeidade, para a esfera da sensibilidade e da emotividade; assim a liturgia certamente se tornaria mais envolvente. Devemos fugir das liturgias anestésicas, anestésiantes e anaféticas.

3. A TAREFA DA ASSEMBLEIA CELEBRANTE

Passemos agora às tarefas da assembleia celebrante, que resumimos nos pontos seguintes.

Antes de tudo, é necessário que a assembleia se ‘comprometa’ na liturgia, empenhando-se na totalidade dos seus membros e na diversificação ministerial. A liturgia não é um espetáculo, mas exige empenho de toda a assembleia. Isso naturalmente requer a saída de visões distorcidas de participação ativa. Passamos de um modelo de celebração eucarística em que se participava apenas no momento da consagração na oração eucarística, a um modelo de Eucaristia em que se participa em cada rito: todos ouvem as leituras, todos experimentam a fração do pão, todos apresentam as ofertas...³⁸.

É importante que a comunidade seja realmente acolhedora, dentro e fora da liturgia. Só uma assembleia capaz de viver a acolhida no cotidiano, a caridade fraterna pode ser realmente inclusiva no celebrar. Devemos nos perguntar como os jovens podem se sentir acolhidos na assembleia litúrgica se não vivem relações hospitaleiras na vida paroquial, se não percebem e experimentam a presença dos adultos que os acompanham, os estimam...

Finalmente, a comunidade cristã deve realmente desejar acompanhar os jovens em seu caminho de crescimento integral humano e cristão. A iniciação à vida cristã das jovens gerações não coincide apenas com a iniciação litúrgica: a liturgia e a oração, a comunhão eclesial, o serviço da caridade, a experiência do amor de Deus recebido e oferecido em testemunho, são

³⁸ BELLI, M. *Sacramenti tra dire e fare*. Piccoli paradossi e rompicapi celebrativi. Brescia: Queriniana, 2018, p. 109-131.

todos necessários. A propósito, leiamos as indicações do *Documento final* do Sínodo sobre os jovens:

Muitos constataam que os caminhos da iniciação cristã nem sempre são capazes de introduzir as crianças, os adolescentes e os jovens na beleza da experiência da fé. Quando a comunidade se constitui como lugar de comunhão e como verdadeira família dos filhos de Deus, ela expressa uma força geradora que transmite a fé; onde, ao contrário, cede à lógica da delegação e prevalece a organização burocrática, a iniciação cristã é mal compreendida como um curso de instrução religiosa que geralmente termina com o sacramento da Confirmação. Urge, portanto, repensar em profundidade a constituição da catequese e a articulação entre a transmissão da fé familiar e comunitária, a partir de processos de acompanhamento pessoal³⁹.

4. PERSPECTIVAS PASTORAIS

Agora queremos propor algumas ações pastorais indispensáveis para um fecundo caminho de formação litúrgica⁴⁰.

Sair da lógica da explicação em favor de uma iniciação à liturgia

Não é apenas através da explicação que os jovens se formam na liturgia, mas celebrando bem dia após dia. O Papa Bento afirmou que “a melhor catequese sobre a Eucaristia é a própria Eucaristia bem celebrada” (ScC 64).

A liturgia acompanha (ou pelo menos deveria acompanhar) toda a vida do cristão, desde o seu nascimento até sua morte e, celebração após celebração, forma o fiel envolvendo toda a sua pessoa. Por esta razão, modelos educacionais baseados em explicações não podem produzir os resultados desejados.

É preciso educar para celebrar bem, até pela própria celebração, mas sem explorar o rito em chave pedagógica.

Sempre atuais são as palavras de Romano Guardini que introduz *Os Sinais Sagrados*:

Eu saberia bem quem poderia dizê-lo melhor e mais corretamente aqui: uma mãe que, formada liturgicamente sozinha, ensinasse seu filho a fazer bem o sinal da santa Cruz; ver na vela que queima uma pessoa que abre seu íntimo sentir; estar na casa do Pai com toda a sua viva humanidade...; e tudo isso não mediante considerações estéticas, mas precisamente como um ver, um fazer: portanto, não como um árido pensar e refletir que contempla obras, gestos e atitudes como figuras penduradas todas ao redor! Ou um mestre que realmente vive com seus alunos; que lhes permite sentir e celebrar o domingo como ele é; e assim também a festividade, o ano eclesial com suas partições; o portal

³⁹ *Documento final*, n. 19.

⁴⁰ Tratei tal argumento em Massimi, *Il desiderio di una liturgia viva*.

e os sinos, a Igreja e as orações... Tais pessoas poderiam dizer se evocam a vida os santos sinais⁴¹.

Iniciando progressivamente os jovens na vida cristã e litúrgica

Ingenuamente esquece-se como as dinâmicas posta em jogo pela liturgia propiciam uma certa maturidade espiritual. Basta considerar como a participação na celebração eucarística, que como bem sabemos é uma sucessão de diferentes sequências rituais, comporta uma experiência que requer um olhar mais amplo, mais experiente, mais maduro.

A Eucaristia é o ponto de chegada, não de partida, ela prevê toda uma série de ações que a precedem. Hoje, na educação litúrgica, precisamos encontrar os valores escalares que conduzem a vida à Eucaristia e a Eucaristia à vida, de experiências de oração que criem uma linguagem intermediária⁴².

Iniciar os jovens a uma estética ritual

Como já mencionado, deve-se dar uma devida atenção às linguagens que compõem a liturgia, é necessário educar os jovens a uma estética litúrgica.

A esse respeito, Girardi escreve:

Por um lado é preciso ter a coragem de *educar os jovens para uma “estética ritual” mais fina, à altura da liturgia*; por outro lado também se deve aceitar o desafio de uma *atualização estilística das linguagens, em sintonia com a sensibilidade cultural e eclesial das gerações atuais* (sem perder o sentido da tradição). Acima de tudo, convém apreender e valorizar a sua disponibilidade de recorrer a múltiplas linguagens, tanto gestuais como corporais, capazes de maior ressonância emocional. Precisamos redescobrir a espessura estética (sensível) de nossas linguagens rituais, sem ceder a estranhezas ou gostos ‘da moda’, mas *redescobrimo a simplicidade e a verdade dos gestos fundamentais da liturgia*: gestos elementares do corpo, com os quais construímos juntos o corpo eclesial⁴³.

Valorizar uma pastoral dos ministérios

A liturgia é a imagem da Igreja e manifesta a multiplicidade das vocações presentes na própria Igreja. A assembleia litúrgica, de fato, é composta por uma série de serviços, ministérios, que em sua ação contribuem para a epifania do mistério e que preveem um dom, um carisma a ser discernido.

⁴¹ GUARDINI, R. Prefazione. In: *I Santi segni*. Brescia: Morcelliana, 2005, p. 115.

⁴² GRILLO. *Riti che educano*, p. 75-87.

⁴³ GIRARDI. *Giovani e liturgia: riforma e/o iniziazione*, p. 168.

O próprio Papa Francisco valorizou os ministérios leigos do leitor, do acólito e do catequista com os *Motu proprio Spiritus Domini* (2021) e *Antiquum ministerium* (2021). Estes representam uma importante oportunidade pastoral para *renovar a forma Ecclesiae em chave mais comunitária*.

O exercício concreto de ministérios leigos na comunidade local poderia conduzir a uma pastoral verdadeiramente comunitária, onde cada um, segundo o ministério a que é chamado, contribuiria para a edificação da Igreja. E talvez seriam ativados sérios caminhos de discernimento, também para os próprios jovens.

Promover uma pastoral unitária

Para que a formação litúrgica dos jovens seja eficaz, é necessária uma pastoral unitária, ou seja, uma aliança educativa entre os que têm responsabilidades no campo pastoral, tanto entre os diversos sujeitos eclesiais (ministros ordenados, religiosos e religiosas, leigos, pais, catequistas...) quanto entre as numerosas instituições leigas.

Cuidar da formação litúrgica do clero

Finalmente, não porque seja menos importante, mas sim uma *condicio sine qua non* da formação litúrgica dos fiéis e, portanto, dos jovens, é necessário cuidar da formação litúrgica do clero. A este respeito, recordamos o que a *Sacrosanctum Concilium* recomendava há mais de cinquenta anos:

Mas, porque não há qualquer esperança de que tal aconteça, se antes os pastores de almas não se imbuírem plenamente do espírito e da virtude da Liturgia e não se fizerem mestres nela, é absolutamente necessário que se providencie em primeiro lugar à formação litúrgica do clero (SC 14).

O Papa Francisco, na carta *Desiderio desideravi* apresenta a importância da formação litúrgica dos sacerdotes. Com efeito,

O plano de estudos da Liturgia nos seminários deve ter em conta a extraordinária capacidade que a celebração tem em si própria para oferecer uma visão orgânica do saber teológico. [...] Uma celebração que não evangeliza não é autêntica, tal como não o é um anúncio que não leve ao encontro com o Ressuscitado na celebração: ambos, por fim, sem o testemunho da caridade são como o bronze que soa e como o címbalo que retine (DD 37).

Neste horizonte, Francisco acrescenta a necessidade de integrar o estudo da liturgia com a possibilidade de viver “uma celebração não só exemplar do ponto de vista ritual, mas

autêntica, vital, que permita viver aquela verdadeira comunhão com Deus, no qual também o saber teológico deve tender” (DD 39).

CONCLUSÃO

O teólogo Guardini escreveu:

A este respeito – e será o que decidirá tudo – aqueles que têm a tarefa de ensinar e educar devem perguntar-se se eles próprios estão voluntariamente dispostos ao ato litúrgico.

Em termos mais claros: se é que eles sabem que esse ato existe, qual seja o seu perfil, e que não é um luxo, nem uma raridade, mas algo essencialmente constitutivo⁴⁴.

Esta citação parece identificar o *punto dolens* da atual pastoral litúrgica. Acreditamos realmente que a liturgia seja assim importante para a vida da Igreja? Para a transmissão da fé? Pela vida cristã dos nossos jovens?

Talvez, como premissa de tudo o que foi dito até aqui, seja justamente a disponibilidade de ‘disperdiçar’ tempo para a formação litúrgica, acreditar que a liturgia não é uma *esquisitice*, mas algo *essencialmente constitutivo*.

BIBLIOGRAFIA

BONANOMI, A; INTROINI, F; PASQUALINI, C. Una finestra sul mondo. I risultati dell’indagine sui giovani in preparazione dello youth synod. In: ISTITUTO TONIOLO (a cura di). *La condizione giovanile in Italia*. Rapporto giovani 2019. Bologna: Il Mulino, 2019.

BALUGANI, L. I preti del futuro: tra tradizione e postmodernità. *Rivista di pastorale liturgica*, 2, 2018.

BELLI, M. *Sacramenti tra dire e fare*. Piccoli paradossi e rompicapi celebrativi. Brescia: Queriniana, 2018.

BONACCORSO, G. *I colori dello spirito*. Assisi: Cittadella Editrice, 2009.

_____. *Il corpo di Dio*. Assisi: Cittadella, 2006.

BYUNG-CHUL HAN. *La scomparsa dei riti. Una topologia del presente (nottetempo)*. Milano: Nottetempo, 2021. (Ebook).

CAL (Ed.). *Liturgia: chiamata per tutti alla santità battesimale*. Roma: CLV - Edizioni Liturgiche, 2020.

Christus Vivit. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Acesso em: 24 ja. 2023.

⁴⁴ GUARDINI, R. L’atto di culto e il compito attuale della formação litúrgica. In: GUARDINI, R. *Formazione litúrgica*. Brescia: Morcelliana, 2008, p. 30.

- CRAVERO, D. Emozione del culto e culto dell'emozione. Il caso giovanile. In: GIRARDI, L.; TOMATIS, P. (a cura di). *Liturgia e Emozione*. Roma: CLV- Edizioni Liturgiche, 2014.
- DALL'OSTO, A. Preti in Francia: crescono solo i "tradizionalisti". *Settimana news*, luglio, 2018). Disponível em: <http://www.settimananews.it/ministeri-carismi/preti-in-francia-crescono-solo-i-tradizionalisti/> (visitato il 31 dicembre 2019). Acesso em: 12 jan. 2023.
- DELLA PIETRA, L. Riti e creatività. *Rivista di pastorale litúrgica*, 6, 2013, p. 54.
- GALLO, M. Un Messale per i giovani? *Rivista di pastorale liturgica*, 1, 2018.
- GARELLI, F. In fuga dalla liturgia. *Rivista di pastorale litúrgica*, 1, 2018.
- GIRARDI, L. Giovani e liturgia: riforma e/o iniziazione. In: MASSIMI, E. (Ed.). *Liturgia e giovani*. Roma: CLV Edizioni Liturgiche, 2019.
- GRILLO, A. *Riti che educano*. Assisi: Cittadella, 2011.
- GUARDINI, R. *Formazione Liturgica*. Brescia: Morcelliana, 2022.
- _____. L'atto di culto e il compito attuale della formazione liturgica. In: GUARDINI, R. *Formazione liturgica*. Brescia: Morcelliana, 2008.
- _____. *Lo spirito della liturgia*. Brescia: Morcelliana, 2005, p. 77.
- _____. Prefazione. In: *I Santi segni*. Brescia: Morcelliana, 2005.
- MASSIMI, E. (Ed.). *Liturgia e giovani*. Roma: CLV Edizioni Liturgiche, 2019; e il Dossier *Giovani e liturgia dal Concilio al Sinodo*, in *Note di pastorale giovanile 2* (2019).
- MATTEO, A. Riportare i giovani a messa. La trasmissione della fede in una società senza adulti. *Ancora*, Roma 2022.
- MONGE, C. Una liturgia giovane: il caso Taizé. *Rivista di pastorale liturgica*, 1, 2018.
- RHANER, K. La domenica, giorno del Signore. In: *Id. Nuovi Saggi*. Roma: Paoline, 1968.
- SEGHEDONI, I. Una liturgia con i giovani: il caso GMG. *Rivista di pastorale liturgica*, 1, 2018.
- XV ASSEMBLEA GENERALE ORDINARIA DE SINODO DEI VESCOVI (3-28 ottobre 2018). I giovani, la fede e il discernimento vocazionale. *Instrumentum laboris*. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2018/06/19/0458/00978.html>. Acesso em: 24 ja. 2023.